

Crónica 246, sem enganos 1 abril 2019

Escrevo no dia em que dantes se celebravam as petas, e que hoje perdeu toda a razão de ser, dado as “fake news” ocuparem as notícias todos os dias do ano dimanadas dos governos e da comunicação social. Quando evoco a adolescência e juventude, eram tempos bem mais singelos, conquanto eu não gostasse de os reviver no mesmo ambiente censório de mordança em que se vivia. Salvaguardada esta nota, passamos de uma república monárquica ditatorial para uma democracia monárquica ditatorial sem que as pessoas se tenham realmente apercebido dos aspetos dinásticos que caracterizam estes 45 anos de 25 de abril.

Nesses idos uma peta bem contada raramente se tornava verdade, mas hoje as petas do dia a dia são as verdades indissolutas com que nos presenteiam os nossos governantes, senhores e donos dos nossos quotidianos ora submetidos não lei dos servos da gleba mas sim dos servos da banca, submetidos ao adágio dos 40 (40 anos de trabalho, 40 anos de descontos e 40% de vencimentos na reforma).

Hoje todos acreditam nas petas, mesmo sem ser 1º de abril e raramente alguém questiona a verdade dado que esta perdeu o seu valor. Um dos exemplos que vem à mente é o do casal com mais de 50 anos de diferença que propôs, há dias, a uma cadeia de televisão fazer amor em público, em direto e ao vivo, para provar que a relação deles com um tamanho diferencial de idades se rege pelo amor mais puro e duradouro que imaginar se possa.

Depois há a montagem das armas químicas do Saddam (que nunca existiram, e aqui lembro para os mais distraídos) e tudo que se sucedeu desde então numa voragem de petas universais, em nome das quais se fizeram guerras, se mataram milhares, se causaram milhões de refugiados, se destruíram países e se importou o seu petróleo, esse vampiresco adereços da sociedade ocidental.

Líderes apeados, outros por apelar, governos fantoche e fantoches no governo, a ignorância subiu ao poder, diria Brecht se fosse vivo, ao ouvir que um terço dos americanos já acredita que a terra é plana... os farsantes e falsários de religiões, seitas e demais congregações enriquecem à custa dessas hordas de ignorantes capazes de se atirarem do precipício abaixo como se seguissem o flautista (Pied Piper) de Hamelin enleados na melopeia de inverdades.

E uma pequena elite grisalha de pessoas que ainda (têm e) usam cérebro e pugnam pela cultura, educação, capacidade de discernimento, de discussão, de questionar as premissas e tirar conclusões vemo-nos, cada vez mais, confinados ao nicho de votos em branco ou nulos, esmagados pela força opressora das maiorias carneirentas, sem capacidade nem peso para aumentar a massa crítica dos concidadãos que seguem fingindo ser livres sob o cajado opressor da sociedade que os manipula.

(Quando decidimos ser ignorantes, alguém decidirá em nosso lugar e tornamo-nos manipuláveis. O escritor Baltasar Gracian disse que a ignorância é uma zona de conforto em que nos sentimos muito à vontade. Ou talvez nem nos sintamos tão confortáveis, mas o medo do que está fora, tudo o que desafia as nossas crenças, é tão forte que nos mantém paralisados naquela zona de conforto. Assim escolhemos a ignorância.)

Exemplo disso é o anúncio do livre acesso a universidades sem exames de admissão aos alunos dos cursos profissionais, o fim da exigência de exames, e o facilitismo generalizado que agora nasce logo na primeira classe (1º ano na nova terminologia) e onde é anátema “chumbar” as criancinhas para não as traumatizar... ainda bem que assim, pois os que podem e são donos disto tudo, assim poderão enviar os seus rebentos para escolas elitistas e privadas onde aprenderão a dominar os restantes

confinados a uma escola pública sem rei nem roque. Por essas e outras ainda não há muitos dias ao alertar uma professora para um clamoroso erro de português num enorme cartaz, ela encolheu os ombros e disse “deixe lá, já está e ninguém vai notar!” o governo entretanto vai perder nos próximos 5 a 10 anos, cerca de 50% dos professores mais antigos e qualificados e aposto que vamos assistir, como em tempos idos, à admissão de engenheiros, arquitetos, e outros para darem aulas sem qualificações nem habilitações pedagógicas.

Dantes colocava-se um retângulo com equações e pediam-se cálculos, hoje talvez só se peça, humildemente, para não traumatizar o pupilo, que ele consiga colorir esse retângulo dentro das linhas...

[Para o Diário dos Açores e Diário de Trás-os-Montes](#)

Chrys Chrystello, Jornalista

[MEEA/AJA (Australian Journalists' Association – Membro Honorário Vitalício nº 297713,) carteira profissional AU3804]